



Director literario:

Alcides de Sousa Reis
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

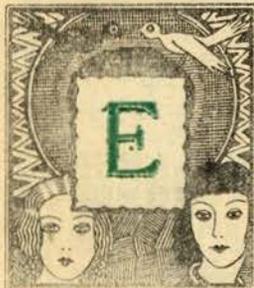
Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE



PRINCIPE TOLEIRÃO.

POR - MARIA - ROSA - LUMIARES
desenhos de Eduardo Malta



M tempos muito remotos, houve um reino muito poderoso, governado por um rei sábio, bom e justo.

Esse monarca tinha dois filhos, lindos como o sol, sobretudo o herdeiro da corôa, o príncipe Manfrêdo, que era dotado de uma beleza deslumbrante. Ao passo que o infante pouco se importava com a sua beleza, o Príncipe Manfrêdo era de tal maneira vaidoso e toleirão, que,

entre o povo, só era conhecido pelo «Príncipe Toleirão». Passava horas esquecidas em frente do espelho, a fazer boquinhas e a estudar gestos, julgando assim tornar-se mais belo ainda, ou, então, a pentear os cabelos côr de ouro e finos como fios de seda, que lhe caíam em anéis até ao pescoço, (naquele tempo os homens usavam o cabelo comprido) esbulto, de uma brancura de leite. As mãos, pequeninas e elegantes, que mais pareciam mãos de mulher, cuidadosamente tratadas, nunca estavam desocupadas. A dextra andava sempre munida de um espelho de prata, onde o príncipe constantemente se mirava; a esquerda era mais variável: ora empunhava um pente de marfim, ora um estojo de veludo, contendo os utensílios precisos para tratar das unhas, outras vezes um frasco de perfume, conforme os caprichos do príncipe. Todos os dias perguntava aos cortejãos se

o achavam bonito e elegante, e, os espartalhões, que sabiam bem o que ganhavam com a resposta, diziam-lhe que êle estava cada vez mais bonito, que não existia em todo o mundo beleza como a dêle, enfim, respondiam-lhe em termos de tal maneira elogiosos, que o Príncipe mais se envaidecia, e, radiante de contentamento, presenteava-os com joias de alto valor, ouro, prata, etc. A vaidade fazia-se acompanhar pela soberba. Manfrêdo nunca dirigia a palavra ao povo, que êle desprezava. Considerava «aquela gente» como lhes chamava, entes desprezíveis, insubordinados, que deviam ser tratados como escravos, á chicotada. O príncipe não se lembrava que «aquela gente» era a mesma que fabricava os espelhos onde êle mirava a sua beleza, que semeava o trigo que depois se transformava no pão que êle comia, que fazia o calçado e os fatos que êle envergava, enfim, que todas as comodidades que o rodeavam haviam sido feitas à custa do suor do seu povo, representando tudo muito esforço e trabalho.

Mas, o príncipe não pensava nestas coisas, só se preocupando com a sua pessoa.

O mesmo não sucedia com o Infante, que reconhecia o trabalho do povo, dava-lhe conselhos e, para o estimular, recompensava-o amiudadamente. Por isso, o rei e o infante eram os ídolos do povo, ao passo que o príncipe herdeiro era detestado por tôdos.

Uma tarde, após três horas de «toilette», o príncipe Man-

(Continua na página 4)

A Rosa Azul

Por Lúdia Rodrigues Lourenço

: Desenhos de Eduardo Malta :



UMA terra muito distante, vivia um rei muito rico e poderoso, cujas riquezas eram conhecidas do mundo inteiro. Possuía este rei uma filha muito linda, chamada Márcia, e a quem nada faltava, pois o rei satisfazia-lhe os mais pequenos caprichos. Andando um dia a princesa Márcia a passear nas ruas do jardim que circundava o seu magnífico palácio, avistou no alto duma roseira uma magnífica

rosa de lindas pétalas azuis, e, imediatamente, o desejo de a colher a assaltou. A roseira era extremamente alta, mas a caprichosa princesa quiz colhê-la com as suas próprias mãos.

Começou a trepar pela roseira, mas, com grande espanto seu, a rosa, quando estava ao alcance da sua mão, desapareceu. A princesa ficou muito admirada e ainda mais ficou, quando, ao descer, viu outra vez a rosa no alto da roseira. Repetiu a experiência mais vezes, mas inutilmente, pois sempre que a rosa estava ao alcance da sua mão, desaparecia. A princesa sentiu-se desanimada, e, por mais que pensasse, não compreendia a razão por que a rosa desaparecia, quando as suas mãos lhe tocavam. Regressou ao palácio, mas a rosa não lhe saiu mais do pensamento. Tinha, porém, esta princesa um pagem chamado Orlando, de quem muito gostava e ao qual contou a aventura por que havia passado. Todas as tardes, o pagem e a princesa iam ao jardim para ver se apanhavam a rosa, a qual estava sempre fresca e formosa no alto da roseira. A princesa começou a andar pensativa e adoeceu. O rei, seu pai, andava aflitíssimo e não sabia o que havia de fazer para distrair a princesa. A esta, nada a distraía, pois, acostumada a satisfazerem-lhe todos os caprichos, desesperava-se por ver que lhe era impossível satisfazer aquele. Orlando sabia bem a causa da doença da sua amiguinha e queria a todo o transe salvá-la,

Passava longas noites sentado no seu quarto, a pensar na maneira de levar a rosa à princesa, até que uma noite resolveu descer ao jardim. Quando chegou, porém, ao pé da roseira, batiam, na torre do palácio, as doze badaladas da meia-noite. Como ouvisse passos, escondeu-se. Viu, então, uma velha, muito feia, e andrajosamente vestida, subir à roseira e fazendo uns sinais misteriosos, sobre a rosa azul, esta, imediatamente, se transformou numa linda menina, toda vestida de azul.

—Então, tens muitas novidades a contar-me?—disse a velha.

A linda jovem começou a chorar perdidamente, e, caindo aos pés da velha, implorou:

—Por piedade, minha senhora, tire-me deste encantamento, e leve-me ao meu país! Sófro tanto, tanto, Márcia, a princesa deste reino, viu-me, quando transformada em rosa e quis colher-me. Que angústias passei, mas, conforme as suas ordens, jamais alguém me pode colher; creio que adoeceu. E nada mais sei,—disse a desolada menina.

—Então,—exclamou a velha, abrindo a sua enorme boca e mostrando as suas gengivas descarnadas,—ainda não houve nenhum príncipe encantador que te viesse desencantar?

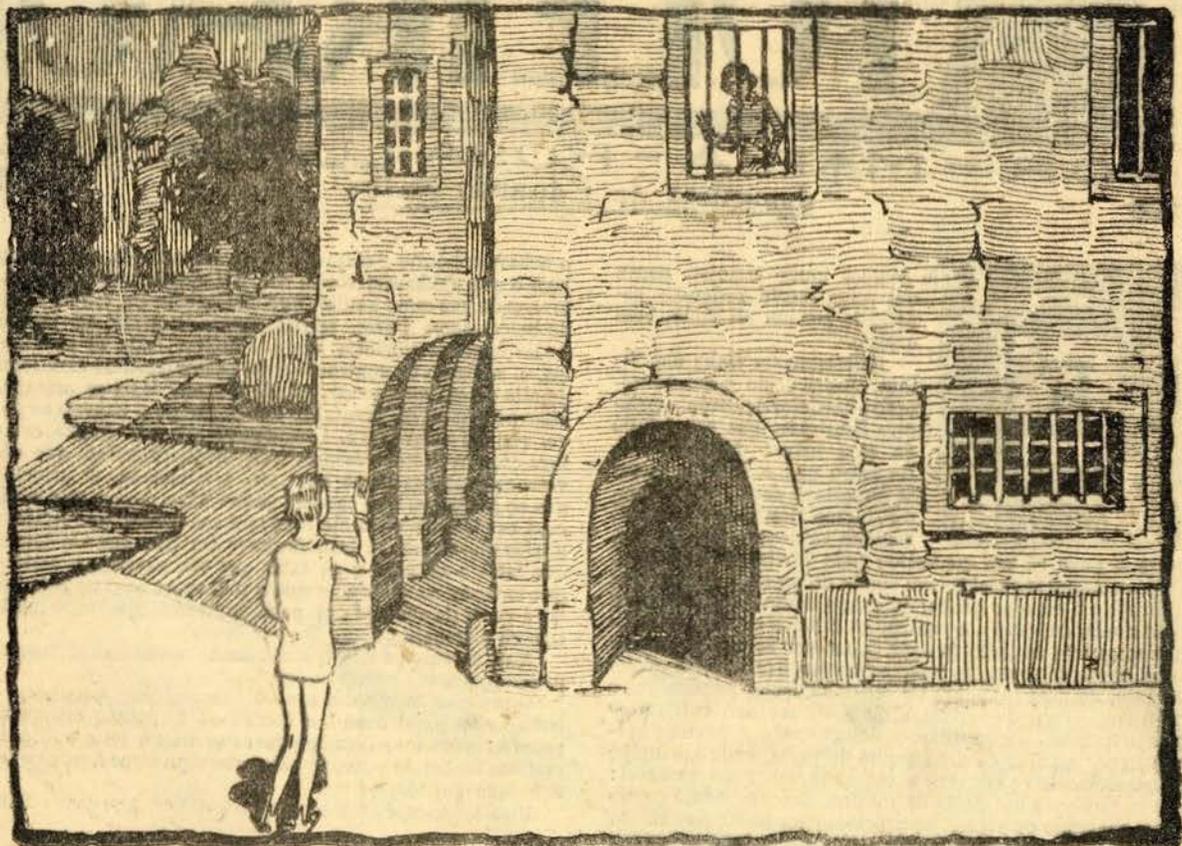
—Por Deus, tenha dó da pobre Leonôr. Como poderiam adivinhar o desencantamento, se a senhora o tornou tão misterioso?

Quem poderá saber,—continuou chorosa Leonôr,—que deitando três gotas de agua da fonte de prata, me desencantam?

—Cala-te, calate, maldita princesa, que te podem ouvir, e era isso o que tu querias, hein?—e deu uma sinistra gargalhada.

—Por piedade, quebre o meu encantamento, que jamais me oporei a que vá colher rosas ao meu jardim.

—Ter dó de ti? eu? isso nunca!... acaso o tiveste tu quando me mandaste expulsar do teu jardim, pelos teus criados, como se eu fosse alguma serva? E só por ir apanhar uma rosa?! Agora é que te arrependes e imploras o meu perdão, mas agora é muito tarde, tem paciência. E' que não





sabias como eu me vingaria, bela Leonor,—disse a velha terrível e inexoravel.

Mal sabia ela e a propria Leonor, que alguem estava tao perto ouvindo a sua conversa, pois Orlando não deixara escapar uma só palavra d'este dialogo. Súbito deu meia hora. Leonor estremeceu violentamente e redobrou de choro.

— Estás hoje muito triste, princezinha, naturalmente com saudades do príncipe Rui teu noivo? Ele não tem saudades tuas, pois nem de ti se lembra, disse a velha.

— Mente, mente, disse Leonor, Rui jamais me esqueceria, e se ainda não correu a desencantar-me é porque não descobriu ainda a maneira de tal o fazer, para mais veio-me pôr num pais desconhecido, tão longe do meu reino, disse tristemente.

— Bem, bem basta de paleio, disse a velha. Meia hora já lhe chega para desenferrujar a língua, e deitando umas gótas, dum liquido que trazia, sobre a princesa esta imediatamente tomou a forma da rosa azul. A velha olhou desconfiada em seu redor e depois seguiu o mesmo caminho por onde tinha vindo. Orlando admirado do que via, pensou em seguir a velha, que logo deduziu ser uma feiticeira, mas para quê se elle sabia o modo de desencantar a menina? Voltou pois para o palácio e nessa noite não poudo dormir. Na manhã seguinte indo vêr a princesa Márcia, contou-lhe tudo o que se passara nessa noite. A' medida que Orlando falava, a princesa, entusiasmada, sentia-se melhor e no fim da narrativa estava completamente boa. O rei seu pai, quando a viu restabelecida, ficou contentíssimo.

Orlando nesse dia partiu à procura da fonte de prata. Depois de muito andar encontrou a desejada fonte. Encheu um frasco com a sua água e levou-o consigo. Quando chegou ao palácio era já noite fechada. Porém a janela do quarto da princesa Márcia estava aberta e uma débil luz iluminava o aposento. Orlando assobiou e Márcia appareceu à janela; depois deslizando silenciosa pelos corredores veio ao seu encontro.

— Então, disse a princesa, trazes a água?

— Trago sim, querida Márcia, disse o pagem pois longe dos reis e dos cortezaos, este tratava-a por tu.

Márcia e Orlando foram direitos à roseira, e este, subindo,

deitou as três gótas de água sobre as pétalas da rosa azul. Esta immediatamente tomou a forma da jovem princesa.

— Livre, estou livre!, disse no auge da alegria a princezinha, mas, súbitamente, entristeceu. Quando a bruxa souber, como se vingará?

— Que importa, eu cá estarei, disse Orlando, vá-se embora com a princesa Márcia. Leonor e Márcia partiram a caminho do palácio, enquanto Orlando ficava entregue a uns preparativos misteriosos.

Leonor, já refeita do susto, contou então a sua história. Vivia no seu palácio rodeada de luxo e conforto, quando um dia aquella velha entrou no seu jardim e colheu a mais linda rosa, que ella tinha destinado para oferecer ao seu noivo. Ficou furiosa e mandou-a expulsar pelos seus criados. A velha porém dissera:

— Deixa estar princesa! Já que tanto amor tens às rosas belas do teu jardim, já que não queres que as apanhem, rosa ficarás sendo, e tão linda como a que colhi, mas ninguém te poderá colher. E dizendo umas palavras misteriosas desapareceu. Senti uma grande afflicção e desmaiei. Depois nada mais sei, vi-me transformada em rosa neste jardim, decerto bem longe dos meus pais e do meu noivo, disse Leonor.

— Mas, murmurou Márcia, onde é o teu reino?

— Eu sou do reino da Alegria e o meu pai é o rei Jorge!

— O quê, disse Márcia, então sois minha prima, pois sou Márcia, a filha do rei Antero, do reino da Felicidade. As duas primas estavam contentíssimas, quando ouviram um grande grito. Correram affitas e não puderam deixar de rir. Envolta numa enorme rede, estava a velha, que tendo súbito à roseira para falar à princezinha, caíra na rede que Orlando lhe tinha armado. Imediatamente a velha foi alçada e metida num dos quartos do palácio.

No dia seguinte Márcia e Leonor, assim como Orlando contaram tudo ao rei, e immediatamente este deu ordem para que a bruxa fôsse executada, conforme era uso naquello tempo. Leonor regressou ao seu palácio, onde o seu noivo andava desgostoso com a sua desapareição. Casaram e foram muito felizes, assim como Orlando que veio a casar com a joven princesa Márcia.



O PRINCIPE TOLEIRÃO

(Continuação da 1.^a pág.)

frêdo, acompanhado do seu pagem predilecto, porque era um dos que mais o adulavam, partiu, em passeio, no seu pequenino e elegante côche, em direcção a uma floresta que lhe pertencia. Durante todo o trajecto, o príncipe, não despregou uma só vez os olhos do espelho e, de vez em quando, perguntava ao pagem se o achava bonito. Este, já se sabe, respondia-lhe que sim.

Chegaram à floresta. Deixando o côche à entrada do bosque, ambos se dirigiram para um pinhal onde se encontravam espalhados vários bancos de pedra, sentando-se o príncipe num deles, enquanto o pagem se entretinha a apalhar pinhões.

Continuando a ver-se ao espelho, o príncipe pôs-se a alisar o seu cabelo sedoso, e, tão absorvido estava na contemplação da sua imagem, que não reparou que a floresta escurcia pouco a pouco. Na verdade, era para estranhar tão súbito anoitecer, às quatro horas da tarde. O príncipe, dando, por fim, com tão estranho acontecimento, pois já não distinguia bem o seu rosto no espelho, ergueu os olhos deparando-se-lhe uma velha, muito velha e muito feia, tendo às costas um enorme molho de lenha, atado com uma grossa corda. Parecia impossível que aquela velha, tão velha, pudesse com tamanho peso.

Imaginando que ela ficasse extasiada perante a sua formosura, o príncipe levantou-se do banco e colocou-se bem em frente da anciã. O seu desapontamento foi enorme, ao ver que a velha passava por ele, sem lhe ligar importância, parecendo até que nem o tinha visto. Chamou o pagem para lhe ordenar que perguntasse «aquele ente desprezível», a razão do procedimento, porque, como atrás disse, o príncipe não dirigia nunca a palavra aos humildes, mas o rapaz, com certeza, estava longe, porque não apareceu. Não teve outro remédio senão ele próprio informar-se.

— Por que és de tal maneira insignificante, respondeu a velha, que, para dizer a verdade, nem tinha dado por ti.

O príncipe, cuidando ouvir mal e não reparando que ela o tratava por tu, aproximou-se mais, e, com o seu melhor sorriso, perguntou se ela o achava bonito.

— «Bonito? ah! ah! ah! (gargalhou a velha mostrando

as gengivas sem dentes) que iludido estás!... Acho-te feíssimo, príncipe Toleirão: és o ente mais feio que em dias da minha vida, os meus olhos viram, e olha que já conto bastantes anos, tantos que nem lhe sei a conta.

Insolente! rugiu o príncipe exasperado. Vais pagar bem caro o que acabas de dizer.

Como louco, correu para a velha que ficara impassível e, desatando o molho de lenha, agarrou na corda e, depois de experimentar a sua solidéz, amarrou com ela as mãos e os pés da sua vítima. Feito isto, sem se importar desta vês com a sua pessoa, tal era a fúria de que estava possuído, juntou a lenha num monte; uma ideia diabólica acabava de lhe passar pela mente.

Ofegante, com o suor a correr-lhe em bagas pela cara, pois, porque como não estava habituado a trabalhar, o menor esforço fatigava-o, acercou-se da velha dizendo:

— Atendendo à tua avançada idade perdô-te se me disseres o contrário do que disste ainda agora. Sei perfeitamente que sou o ente mais belo que existe na terra, mas quero e ordeno que mo digas. Senão... apontou para a lenha e concluiu: serás queimada viva.

— Não retiro as palavras que disse há pouco, porque não estou habituada a mentir. Que culpa tenho eu que os meus olhos te achem feíssimo tanto de rosto como de alma?

A resposta levou o príncipe ao mais alto grau da cólera. No auge da fúria, arrastou a velha até junto da lenha e atirou-a brutalmente para cima dela. Ravidamente lançou-lhe o fogo e, satisfeito, esperou. A lenha principiou a estalar, a arder e as labaredas subiam, subiam com uma rapidez assustadora. Em breve as chamas principiaram a lamber a carne seca e mirrada da desgraçada velha, que se conservava quieta e calada como se não sentisse as terríveis queimaduras.

Súbito, um clarão sinistro brilhou-lhe nos olhos cavos e amortecidos e numa voz forte bradou:

— Maldito, sê maldito príncipe de alma negra e coração de pedra.

Vingaste-te; mas juro-te que também serei vingada. Quando o meu corpo se tornar em cinza, o que não tardará

muito, o teu sofrerá uma grande e terrível transformação.

Serás metamorfoseado num repugnante e venenoso réptil, só na aparência, pois não terás poder para fazer mal.

Mas todos que te virem, hão-de fugir de ti como se tiveses a peste, serás perseguido, escorraçado e odiado. E para maior castigo essa gente que te perseguir não te poderá matar. Jamais morrerás; hás-de andar eternamente pelo mundo, de terra em terra, sem descanso.

Ficarás com o ouvido apurado como tens agora e a faculdade de compreender e raciocinar, mas não poderás pronunciar uma única palavra.

Para voltares à tua forma humana três coisas serão precisas mas duvido que as consigas fazer. Primeiro: é preciso que te aproximes de alguém sem que esse alguém mostre medo ou receio e, pelo contrário, seja ele próprio que te chame para junto de si. Segundo: essa pessoa deve acariciar-te e abraçar-te. Terceiro: finalmente para conseguires a tua libertação uns lábios se hão de pousar na tua pele grossa, beijando-te ternamente.

Afianço-te, porém, que nenhum ser humano fará isso. Príncipe cruel e toleirão, a minha vingança é mais terrível do que o tua porque eu posso morrer e tu não: estás condenado a errar pelo mundo eternamente. Sê maldito, mal...

Não podes concluir a palavra porque um espasmo abalou-lhe a garganta. Da boca principiou a sair uma espuma sanguinolenta, os olhos desmedidamente abertos fixaram-se terríveis no príncipe, de repente fecharam-se, a cabeça descaiu-lhe para o peito, estava morta. Um enorme ruído, semelhante ao do trovão, ecoou por toda a floresta e, em seguida, esta mergulhou, subitamente, em densa e impressionante escuridão. Apenas um ponto vermelho, luminoso, rompia as trevas profundas, eram as chamas que continuavam impassíveis a sua obra devastadora.

Entretanto o pagem, que se entretivera a perseguir uma gazela, vendo aquela escuridão, voltou aflito para junto do

príncipe. Durante o caminho a floresta aclarou-se de novo. Ao chegar ao sítio dos bancos de pedra onde deixara o amo, estava aterrorizado. Uma palidez cadavérica cobriu-lhe o rosto e uma tremura convulsa abalou-lhe todo o corpo. Seus olhos, cheios de pavor, acabavam de ver uma enorme serpente de uns quatro metros de comprimento, das mais venenosas e terríveis que existiam na terra. A serpente dando com os olhos nêle, rastejou na sua direcção soltando um silvo agudo. Recuperando o sangue frio, o pagem desatou a correr como um louco, a gritar que nem um possesso. A serpente como que enraivecida continuava a persegui-lo.

Com a velocidade que levava, o pagem atingiu em breve a saída da floresta, saltou para dentro do côcho e, chicoteando barbaramente os cavalos, partiu num galope pela estrada fóra.

Principiou então para o príncipe-serpente um martirio atroz. Chegou ao palácio e, sem ser visto, conseguiu introduzir-se nos jardins.

O rei que já sabia do desaparecimento do príncipe herdeiro, depois de ter mandado procurá-lo por toda a parte, sentara-se tristemente num banco do jardim. O infante reuniu-se a êle e ambos começaram a falar a respeito do triste acontecimento. O príncipe-serpente ouvia tudo perfeitamente, mas, como lhe dissera a velha, não podia falar o que o exasperava sobremaneira. Querendo experimentar se o pai e o irmão também teriam medo dêle, apareceu-lhes súbitamente na frente. Não se calcula o susto e o terror que aquêles dois entes manifestaram. Fizeram tal gritaria que toda a gente da corte acorreu alvoroçada a indagar a causa daqueles gritos. Porém, ao verem a serpente, fugiram, alguns mais animosos perseguiram-na com espadas e machados, mas não conseguiram apanhá-la. Entretanto veio a noite.

O príncipe-serpente, aproveitou as trevas para fugir do palácio e conseguiu esconder-se num jardim público.

Pôs-se a escutar. E' bem certo que: «quem escuta de si



ouve». Foi o que sucedeu com o príncipe. Mesmo junto d'ele um grupo de operários e de trabalhadores rurais, discutia acaloradamente o desaparecimento do príncipe herdeiro, regozijando-se por ele não aparecer.

— Não se perde nada, disse um que até ali estivera calado. Para que nos servia um rei que só pensava na sua pessoa e nos seus vestuários?

Além disso, era cruel e mau.

Quando lhe fôssemos pedir justiça e protecção a resposta que nos daria eram chicotadas e outros maus tratos. Devemo-nos regozijar e pedir a Deus que ele jamais apareça. Para rei temos o nosso Infante, esse sim que é bom, justo e amigo do povo. O príncipe não quiz ouvir mais.

Silenciosamente abandonou o jardim e partiu a cumprir o seu destino.

Passaram-se anos, anos e mais anos.

O príncipe-serpente já dera a volta ao mundo, vezes sem conto, sem ter nunca conseguido as três coisas precisas para recuperar a sua forma humana.

Um dia, porém, quando seguia, cansado por uma estrada poeirenta, viu, sentado numa pedra, um homem de bastante idade. Junto d'ele, estendido no chão, um rapazito dormia profundamente. Sem se dar ao trabalho de ocultar-se, o príncipe continuou o seu caminho. Do sítio onde estava o velho via-o perfeitamente, mas nem sequer esboçou o menor movimento de terror. Admirado e ao mesmo tempo cheio de esperança, o príncipe-serpente aproximou-se até chegar junto do velho. Este com os olhos muito abertos, continuou a olhar para a serpente. O príncipe já não duvidava que desta vez o seu encanto seria quebrado. Enrolou-se a uma das pernas do homem e soltou alguns silvos de contentamento. Foi o que o perdeu. Ouvindo aqueles silvos que denunciavam a presença de uma serpente, o velho desatou a bradar por socorro, acordando o neto com os seus gritos. Só então o príncipe-serpente percebeu que o velho era cego. Cheio de desânimo, deixou-se ficar no mesmo sítio, sem perseguir desta vez o velho e o rapazito que corriam a bom correr. Para que perseguir os se isso não lhe daria a libertação? E, perdendo de todo o esperança de recuperar a sua primitiva forma, o príncipe-serpente continuou o seu fadário, sendo sempre perseguido, escoraçado e odiado por toda a humanidade.

Manfrêdo abriu, enfim, os olhos.

Na sua frente, respeitosamente curvado, o pagém que não tinha ousado acordá-lo, aguardava que ele despertasse. Preso ainda de certo terror o príncipe olhou para todos os

lados e pareceu admirar-se de se encontrar sentado no banco de pedra.

Aos seus pés estavam caídos o pente de marfim e o espelho de prata que por sorte não se tinha partido. Mas então, então?... E o príncipe, que ainda não caíra em si, fitou o pagém como que a interrogá-lo.

— Vossa Alteza dormiu um belo sono, atreveu-se a dizer o rapaz.

A voz e as palavras do pagém, quebraram por completo as dúvidas do príncipe. Agora lembrava-se perfeitamente: a velha, a fogueira e a serpente fora tudo um sonho!...

Mas que medonho e terrível sonho!...

Só de pensar nas coisas horríveis que sonhara, o príncipe estremecia todo.

O pagém apanhou o pente e o espelho e entregou-os ao príncipe.

Manfrêdo aceitou maquinalmente ambas as coisas, e, como sempre acontecia, olhou logo para o espelho.

Porém, assim que viu a sua imagem reflectida, empalideceu horrivelmente. Mordeu os lábios até fazer sangue. De repente ergueu o braço direito e, com os olhos chamejantes de cólera, arremessou violentamente o espelho para longe.

Este foi cair sobre uma enorme pedra e estilhaçou-se completamente.

Estarrecido e boquiaberto o pagém julgou seu amo louco. Sem dizer palavra e acompanhado a certa distância pelo pagém que ansiosamente lhe espiava todos os movimentos, o príncipe saiu da floresta e, metendo-se no côche, partiu para o palácio.

O sonho que tivera na floresta fora para ele uma revelação.

Obcecado como estava pela sua pessoa achava-se cego para outras coisas de grande importância, não cumprindo nunca os seus deveres. Agora porém, já não sucedia o mesmo: os olhos abriram-se finalmente para a luz da verdade. Reconheceu os seus erros, e encheu-se de vergonha ao pensar nas figuras ridículas que fizera.

Na luta que travou com as suas terríveis inimigas, a vaidade e a soberba, que tenazmente se lhe agarravam como duas carraças, logrou sair vencedor.

Ordenou, que lhe partissem todos os seus espelhos, e proibiu que lhe dirigissem elogios. Enfim, parecia outro.

Dez anos depois sucedia a seu pai e lembrando-se dos seus conselhos, tornou-se, como ele, um rei sábio, bom e justo.

F I M



Correspondencia

Vitor Alves — Brevemente verás satisfeito o teu desejo com respeito ao avião.

João Pereira da Silva Correia e Luiz Jorge C. Pereira — A notícia que dou ao vosso primo Vitor Alves, também os deve alegrar.

Agostinho Besada — Recebi a tua grande carta. Não negoceio em engenhocas feitas.

Deixo-lhes esse encargo e quem não souber, que peça aos pais, manos, tios, etc, etc.

João Medros da Cruz — Uma bomba de bombeiros é uma construção e não uma engenhoca.

Alberto Maria Andrade — Com certeza que o aeroplano não poderia fazer a travessia do Atlantico. Não achas? Histórias a publicar... conforme...

Cezar Augusto Monteiro — A tua história da princeza que deitava a lingua de fóra é tão comovente...

E ainda o pior é que não tem final.

Rosita — Preferimos originais não muito grandes.

Além disso o assunto traduzido deve ter sido publicado muito recentemente pelo que perde parte do interesse.

Não é verdade?

Porque não experimenta fazer uma historiazinha original?

Quantos dedos tem a mão ?

Por CAMPOS DE FIGUEIREDO

Desenho de EDUARDO MALTA

MANUEL JOÃO
Quantos dedos
Tem a mão?
Quantos tem?

Conta bem...
Principia
P'lo *meudinho*,
Por ser mais
Pequenino.
E depois,

Se contares
O *visinho*,
Já tens... dois.

Conta, conta,
Com bons modos,
O maior,
Que é o *pai*
Deles todos...
Conta agora

Sem demora,
Como vês,
Já tens... três!

Vá, sem medo,
De repente,
Conta, conta,
Conta agora
Esse dedo
Com que a gente
Sempre aponta...

O que fica
Logo ao lado
Do *pai de todos*,
E' chamado
O *jurá bolos!*
Quantos são,
Manuel João,
Acreditas?
Já são tantos
Quantas são
As patitas
Do meu gato!
Ora aponta,
Conta, conta,
Já são... quatro!

Não te esqueças...
Vai contando
P'las cabeças...
Vamos lá,
O que está
Mesmo ao pé
Do *fura bolos*,
Vais saber
Que engraçado
Nome tem:
E' chamado
Mata piolhos.

Conta, conta,
Conta bem,
E verás,
Meu rapaz,
Que eu não minto...
Com mais esse
Contarás,
Como vês,
Um, dois, três,
Quatro... Cinco!



F I M

ZUMBA-BUMBA-CATAPUMBA!...

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



— «Zumba... bumba... catapumba...
 Catapumba... bumba... bumba...
 Tão-ba-la-lão... Ba-la-lão!...»

Lala
 Fala,
 Não se cala,
 E' Pá-tá-pá trapalhão,

Nisto a mamã que está perto,
 Ouvindo em tal desconcerto
 Palavras num turbilhão,
 Sem nunca o perder de vista,
 Sorrindo, murmura: «...»

— «Não é tal um trapalhão;
 E' poeta futurista!»

E na sua
 Continua,
 Como um pretinho escarumba
 Dançando lá no sertão:

— «Zumba... bumba... catapumba...
 Catapumba... bumba... bumba...
 Tão-ba-la-lão... Ba-la-lão!»



F I M